Introdução ao livro da glória:
Novo mandamento e nova expectativa

Falar e ouvir são transitórios e fugazes [...]. Ao contrário da escrita, o discurso em andamento é em geral incorrigível. Mortimer J. Adler. *Como Falar, Como Ouvir*, p. 16.

31 Quando ele saiu, disse Jesus: Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele; 32 se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo; e glorificá-lo-á imediatamente. 33 Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco; buscar-me-eis, e o que eu disse aos judeus também agora vos digo a vós outros: para onde eu vou, vós não podeis ir.

34 Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.

35 Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros. *João* 13.31-38.

Pregado na IPB Rio Preto, em 07/10/2018 (19h30).

Introdução

Um dos desafios da educação é: Como incutir crenças e práticas que serão abraçadas e vividas pela nova geração?

Pais responsáveis lidam com esta questão o tempo todo. Queremos que nossos filhos continuem firmes na convicção e exercício da verdade.

Pastores desejam a mesma coisa. É triste quando uma igreja forte e saudável adoece depois da morte ou mudança de um pastor. Daí a preocupação dos pastores — e seu empenho em oração e ensino —

para que o evangelho encontre solo fértil no coração da nova geração.

Os que lidam com treinamento de equipes entendem isso muito bem.

Em uma panificadora de São José do Rio Preto, depois que eu peço três pães de queijo, o atendente entrega o pedido com uma pergunta: "**o senhor deseja algo mais?**" E eu, que fui comprar três pães de queijo, volto para casa com três pães de queijo e duas roscas húngaras.

Certamente o dono daquele estabelecimento gasta tempo e recursos treinando seus funcionários.

Eles precisam abraçar crenças e praticar ações requeridas pelo empregador. Toda grande corporação investe nisso.

E é isso que garante que, seja onde estivermos, sabemos que se formos almoçar ou jantar no Outback em nosso aniversário, seremos presentados com uma sobremesa.

Jesus também estabeleceu crenças e procedimentos para os seus seguidores.

Eu tenho dito há algumas semanas que, neste cap. 13 do Evangelho de João, nosso Senhor está preparando os discípulos para sua partida.

Jesus inicia o capítulo nos mostrando que devemos servir mesmo a quem não merece ser servido (Jo 13.1-20).

Depois ele destaca que o serviço a Deus exige autenticidade — e nessa ocasião o traidor se retira da companhia dos discípulos (Jo 13.21-30).

Agora — no texto que terminamos de ler — Jesus informa que temos de servir amando os irmãos (Jo 13.31-35).

Na próxima ocasião em que olharmos para João 13, aprenderemos que é preciso servir a despeito de nossas falhas (Jo 13.36-38).

Entendamos que o cap. 13 inicia a segunda parte deste evangelho, denominada *O Livro da Glória*. Nesta parte Jesus é mostrado como Senhor da Glória. E aqui, em João 13, ele revela que a Glória é precedida pelo serviço (figura 01).

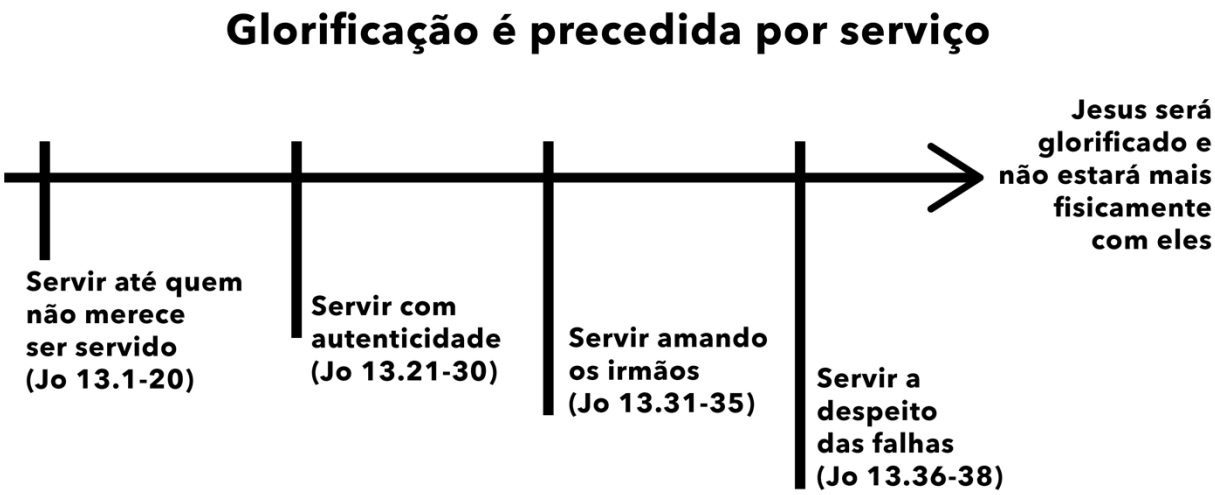

Figura 01. Glorificação precedida por serviço.

Os versos que lemos trazem verdades preciosas sobre Jesus como Senhor da Glória. Vemos aqui, primeiramente, que...

I. Jesus é Senhor da Glória desde a cruz

É o que podemos conferir nos v. 31-33.

A palavra "cruz" não aparece no texto, mas **a declaração dos v. 31-32 é feita à sombra da morte próxima de Jesus na cruz**.

Isso é destacado pelo que consta no início do v. 31: "Quando ele saiu" — quer dizer, o que vem a seguir é dito depois da saída de Judas.

E Judas saiu exatamente para tomar as últimas providências para entregar Jesus às autoridades dos judeus.

Percebamos que, de modo mui sublime, Jesus vincula a saída de Judas, tomado por Satanás (cf. 26, 27, 30), com sua glorificação.

Preste atenção nos tempos verbais, nos v. 31 e 32. Primeiro, no v. 31: "Agora [tempo presente], foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele" [tempo passado].[1]

Ou seja, neste exato momento, em que é noite, e o diabo entrou em Judas — e toda tramoia das trevas ganha força e corpo.

Agora mesmo, quando parece que o mal triunfa.

---

[1] Sobre os tempos verbais destes versículos, cf. CARSON, p. 487.

Já, quando todas as evidências apontam para a pequenez do bem e para o gigantismo do mal.

Sim, hoje, nesta hora, neste segundo, quando a maior injustiça da terra está sendo cometida — "foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele".

Será que alguém aqui conseguiu captar a doutrina de Jesus? E será que nós recebemos do Espírito Santo graça para compreender o significado destas palavras para a obra de redenção e, também, como essas palavras dele se relacionam com nosso momento pessoal, político e nacional?

Anote a doutrina em três palavras: Deus glorioso governa.

Entendamos João 13. **Deus vai realizar redenção**. E no plano de redenção, Jesus deve morrer para pagar pelos pecados de todas as pessoas que acreditarem nele como único Salvador e Senhor.

Isso quer dizer que **todo plano de homens e do diabo** — toda conspiração supostamente "esperta" para matar Jesus —, **no fim das contas contribui para o cumprimento do Plano Perfeito e Infalível de Deus, para a derrota definitiva de Satanás e para a salvação segura das ovelhas do rebanho de Jesus**.

Mais do que isso, **toda velhacaria do diabo e ambição de Judas, desde já, redunda na glória de Jesus e de Deus Pai**.

Eu sei que **é fácil a gente desligar a mente em um momento de pregação**. Por isso chamo sua atenção para a importância dessas palavras de Jesus — "Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele" — **para o meu e o seu momento presente — para que possamos entender adequadamente o problema ou crise que nos angustia**.

Nós não podemos nos esquecer disso: Deus glorioso governa.

E pensemos também em **como esta doutrina é vital para que saibamos lidar com o momento político de nosso país**.

Isso significa que **nem a pior oposição a mim e a você** — a nós, povo de Deus — e **nem mesmo o mais inteligente e articulado projeto contrário ao cristianismo**, em âmbito ideológico, institucional e político, **são capazes de impedir que Jesus Cristo e Deus Pai recebam glória**.

Mais do que isso, **Jesus Cristo e Deus já recebem glória — desde já — nas ações dos maus porque, no fim das contas, cada projeto e ação dos maus configura, no Plano de Deus, um tiro no pé do próprio Mal**.

Nada neste mundo é capaz de impedir que Jesus Cristo e Deus Pai recebam glória. Deus glorioso governa. E porque Deus governa, Jesus é Senhor da Glória desde a cruz.

E **Jesus, que glorifica o Pai sendo obediente até a cruz** (você pode ler mais sobre isso em Fp 2.5-11), **receberá**

mais glória em um sentido maravilhoso — "Deus o glorificará nele mesmo" [tempo futuro] (v. 32). Mas notemos o enigma, Deus "glorificá-lo-á imediatamente" [há uma glória do Filho que há ser revelada em sua morte na cruz e também em sua ressurreição iminentes] (v. 32).

Se você prestou atenção, notou que **Jesus utiliza o vocábulo "glória" em diferentes sentidos e tempos**.

O Filho do Homem recebe glória desde a cruz.

O Filho do Homem glorifica ao Pai desde a cruz.

Deus, que é glorificado no Filho, glorifica o Filho nele mesmo. Existe uma união singular e essencial entre Deus Pai e Deus Filho; e neste vínculo a glória do Pai é comunicada ao Filho.

Ora, **todo leitor guiado pelo Espírito Santo percebe que, neste trecho de João, penetramos "além do véu"**. A própria linguagem humana parece insuficiente para comunicar as coisas que nosso Senhor tem a dizer neste Livro da Glória.

A compreensão destas coisas exige muito mais do que inteligência intelectual — requer, de fato, uma intimidade, uma **ligação diferenciada entre Jesus e nós**, que o ouvimos e aprendemos dele.

Exatamente por isso, **aparece uma palavra nova**. É a primeira vez que ela aparece no Evangelho de João.

E nós a encontraremos novamente apenas na Primeira Carta de João, mas esta palavra aponta para

uma relação ímpar de dependência, amor e proximidade: “**Filhinhos**”.

33 **Filhinhos**, ainda por um pouco estou convosco; buscar-me-eis, e o que eu disse aos judeus também agora vos digo a vós outros: para onde eu vou, vós não podeis ir.

Em suma, os seguidores de Jesus deviam se preparar para uma separação física entre Jesus e eles. Essa separação não seria definitiva (como aprenderemos em João 14), mas o fato é que, por aquele tempo — especialmente depois da prisão de Jesus —, não haveria como os discípulos estarem fisicamente com o Senhor.

Certo. Jesus é Senhor da Glória desde a cruz. E de um modo que ainda não foi explicado em detalhes, Jesus irá para um lugar para onde os discípulos não podem ir.

Mas e daí?

O devemos fazer durante este período de separação?

Qual a instrução de Jesus, que deve ser crida e praticada, até que seus discípulos possam reencontrar com ele?

Em segundo lugar, o Evangelho nos ensina que...

II. Jesus, Senhor da Glória, ordena que amemos uns aos outros

É o que lemos no v. 34: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros".

Antes de prosseguir, um esclarecimento: **Jesus não está falando do amor da igreja pelos não cristãos**. Ele está mencionando **o amor da igreja pelos da igreja — o amor entre aqueles que professam conhecer e servir ao mesmo Deus**.

"Mandamento", aqui, tem o sentido de "preceito". Hendriksen nos ajuda a entender que:

> O preceito é **uma regra, feita por Jesus e ilustrada mediante seu próprio exemplo**, para **regulação da conduta e atitude interior dos discípulos** para com Cristo, um para com o outro e o mundo.[2]

E ainda:

> O preceito dado aqui é **novo** (καῖνή, não νέα). É **caracterizado pelo frescor e pela beleza do amanhecer. É totalmente desejável**.
>
> De fato, é verdade que o novo mandamento que requer amor para com seu próximo, para com "os filhos de seu povo", **já é encontrado no Antigo Testamento** (Lv 19.18; Pv 20.22; 24.29). Na verdade, **amor para com Deus e para com o próximo é o sumário da lei** (Mc 12.29,31). Mas **a novidade do preceito aqui promulgado é evidente pelo fato de que Jesus requer que seus discípulos mostrem amor uns para com os outros como**

[2] HENDRIKSEN, p. 562, Logos Software.

> **ele os amou!** Seu exemplo de **amor constante** (note: continuem amando) e **autossacrificial** (pense em sua encarnação, ministério terreno, morte na cruz) deve ser o **padrão para sua atitude de reciprocidade**. Pelo fato de **a obediência voluntária a esse preceito ser de importância fundamental para o bem-estar espiritual dos discípulos (e, na verdade, de toda a Igreja) e porque seu próprio coração transborda de amor, Jesus repete este preceito** [no v. 35].[3]

Como? Amar como ele amou? Até o fim? Lavando os pés até de Judas? [E como veremos nos v. 36-38, tendo de ouvir promessas tolas de Pedro?]

Carson chama a atenção para uma questão importante:

> O novo mandamento é simples o bastante para uma criança pequena memorizar e apreciar, profundo o bastante para que os crentes mais maduros sintam-se repetidamente incomodados por perceberem quão pobremente eles o entendem e o praticam. [...] Quanto mais reconhecemos a profundidade de nosso próprio pecado, tanto mais reconhecemos o amor do Salvador; quanto mais valorizamos o amor do Salvador, tanto mais elevado seu padrão aparece; quanto mais elevado seu padrão aparece, tanto mais reconhecemos em nosso egoísmo, nosso inato egocentrismo, a profundidade de nosso próprio pecado. **Com um padrão como este, nenhum crente sério pode jamais dizer, deste lado da parúsia, "Eu estou perfeitamente observando o princípio básico da nova aliança"**.[4]

---

[3] HENDRIKSEN, op. cit., p. 562–563.
[4] CARSON, op. cit., p. 484.

Se queremos compreender o impacto e alcance deste novo mandamento, **basta olhar com atenção para os capítulos anteriores deste Evangelho de João, para o modo como os líderes escribas e fariseus conduziam o rebanho de Deus**.

E para o modo como **a própria comunidade da aliança havia se tornado um agrupamento comercial, teologal, judicial e policial**.

As pessoas **se ajuntavam para festas e rituais, não para serem revigoradas no amor e em amor**.

O povo da aliança se reunia, mas não se amava.

Este é um risco que o povo de Deus corre, ao longo das eras.

Basta **pensar na caminhada cotidiana da igreja**.

Igrejas correm o risco de funcionar como outras agremiações — escolas ou clubes.

A gente se aproxima de quem a gente simpatiza ou gosta, e não dá atenção a quem a gente não se identifica.

Em suma, mesmo igrejas podem fomentar “panelas”, “grupinhos”, com muita indiferença e até atos de violência psicológica (*bullying* gospel).

E às vezes a gente verifica onde determinada pessoa se senta, apenas para nos assegurar de que sentaremos bem longe, no canto oposto, para

não arriscar de termos de cumprimentar aquele "irmão" ou "irmã".

E pode ocorrer indisposição ao ponto de não conseguirmos apreciar o que é dito ou feito por determinada pessoa — nós fechamos nosso coração para estes que comem conosco do pão e do cálice da mesa do Senhor. E achamos que está tudo OK, que é assim mesmo.

E vejam. Estou falando da vida regular da igreja.

Mas **pensemos nos tempos diferenciados**. Época de eleições, por exemplo.

Você é capaz de considerar cristão e amar uma pessoa que você no candidato que você mais rejeita?

Você é capaz de considerar cristão e amar uma pessoa que abraça uma ideologia política diferente da sua?

Você é capaz de se aproximar? Estabelecer diálogo fraterno e respeitoso? Abraçar? Cumprimentar com ósculo santo? Dizer que ama de coração?

Irmãos e irmãos, temos de lembrar todo o tempo que **a igreja de Jesus Cristo não é de direita, nem de esquerda. A igreja de Jesus Cristo é do alto**.

E **aguarda o dia em que, do alto, virá o Senhor da glória para estabelecer o reino definitivo e perfeito**.

E **enquanto ele não vem, a igreja é ordenada a praticar o amor dentro de suas próprias fileiras**.

Isso é fundamental porque, em terceiro e último lugar...

III. Jesus, Senhor da Glória, estabelece um novo padrão ou expectativa

Como lemos no v. 35: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros".

Eis o padrão. Eis o que Jesus espera de sua igreja.

Entre o segundo e terceiro século da era cristã, viveu um homem chamado Tertuliano.

Ele era advogado e jurista cristão e escreveu um livro intitulado *Apologia*.

Naquele livro ele informa que os cristãos levaram João 13.35 tão a sério que os pagãos olhavam para os cristãos e diziam: "Vejam como eles se amam".

Vamos entender que naquele tempo (séc. 2 e 3), não existiam as denominações atuais.

Um cristão não era conhecido por ser presbiteriano, ou batista ou reformado.

Afinal de contas, como os cristãos eram identificados?

Era simples assim: "Vejam como eles se amam".

Hoje em dia a regra parece ser outra: Vejam como eles mostram que estão certos, enquanto os outros estão errados.

Ou **vejam como eles são mais certos do que os outros**.

E **os cristãos seguem para suas igrejas domingo após domingo, com os peitos estufados de sua superioridade moral ou ortodoxia, e os corações vazios de amor**.

Mas a palavra de Jesus é simples e clara. Eis como ela consta na Bíblia *A Mensagem*:

> 34-35 "Deixem-me dar a vocês um novo mandamento: amem uns aos outros. Assim como amei vocês, amem uns aos outros. **Dessa maneira todos irão reconhecer que vocês são meus discípulos, quando eles virem o amor que vocês têm uns pelos outros**".

Se entendemos isso, podemos concluir.

Concluindo...

O “eu recordativo de Kahneman”.[5]

[Recapitulação geral] Voltando ao que foi dito no início, Jesus estabeleceu crenças e procedimentos para os seus seguidores.

Ele é Senhor da Glória desde a cruz.

Ele ordena que amemos uns aos outros.

E ele estabelece um novo padrão ou expectativa.

[Aplicação do ponto 1]. Ele é Senhor da Glória desde a cruz.

Se **pensamos que conspiração e traição são capazes de impedir o cumprimento do plano de Deus, saibamos que Jesus é Senhor da Glória desde a cruz**. Há um plano divino, perfeito e eficaz, em andamento.

Mesmo os sofrimentos mais atrozes — permitidos por Deus em nossa vida — contribuem para um propósito de amor. E mesmo a pior conjuração de Satanás não é capaz de prejudicar, adiar nem impedir a realização do plano divino.

---

[5] Em uma pesquisa sobre o que chama de “eu recordativo”, o ganhador do Prêmio Nobel de Economia, Daniel Kahneman, constata que **a última parte ou momentos finais de uma experiência (seja esta qual for) definem o modo como a mente arquiva aquela experiência. Uma experiência pode ser excelente no início, mas se for ruim no final, pode acontecer de ela ser recordada como ruim no todo**. Cf. KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e Devagar: Duas Formas de Pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 471-481.

Explicando. Circulou na semana passada uma mensagem — dentre tantas outras —, afirmando que determinado candidato estava realizando um grande ato de feitiçaria relacionado à votação de hoje.

E que os crentes tinham, de jejuar e combater com oração aquele ato, porque eram muitos bois e outros animais consagrados a Satanás, e que, se a igreja não entrasse na guerra espiritual, Deus poderia perder a batalha contra Satanás.

Meus irmãos e irmãs, Deus glorioso governa.

O Filho do Homem glorificou o Pai em sua morte.

E sua morte — articulada pelo diabo, pelas autoridades judaicas e por Judas — o conduziu à ressurreição e exaltação, consumando e garantindo a redenção dos eleitos, dando a Deus Pai toda honra e glória e confirmando ele mesmo — Jesus Cristo — como Senhor da glória!

Sendo assim, **vamos confiar nossa vida aos cuidados dele**. **Nas mãos de Deus, nossas vidas estão em ótimas mãos. Mãos seguras**. E **como lemos em João 10.27-30, nada pode nos tirar deste lugar de paz e segurança**.

[Aplicação do ponto 2] Jesus, Senhor da Glória, ordena que amemos uns aos outros.

Se pensamos que é impossível perdoar e amar, entendamos que **Jesus nos ordena que amemos uns aos outros**.

Ora, se ele nos ordena, é porque ele nos capacita.

Ele mesmo nos dá o que é necessário para cumpramos suas ordens.

Primeiro ele nos ama. E seu amor muda nosso coração.

Em seguida, mudados por ele, somos libertos para amar.

Vamos entender isso melhor. O mesmo João, autor deste Evangelho, escreve em sua primeira carta (1Jo 4.16-21):

> 16 E nós **conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós**. **Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele**. 17 Nisto é em nós aperfeiçoado o amor, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança; pois, **segundo ele é, também nós somos neste mundo**. [Entendemos isso? Jesus nos transforma de tal modo, que começar a funcionar como ele, ainda nesta vida, antes da glorificação, neste mundo — e vejamos que essa obra de Jesus nos liberta daquilo que mais nos impede de amar — o "medo"]18 **No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor**. 19 **Nós amamos porque ele nos amou primeiro**. 20 Se alguém disser: **Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê**. 21 Ora, temos, da parte dele, este mandamento: **que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão**.

Veja isso. Você assiste a um vídeo das crianças da África — ou a um vídeo sobre moradores de rua — e seu coração se enternece. Mas você pensa naquele irmão ou irmã, membro desta ou de outra igreja.

Pode ser alguém que lhe causou algum tipo de ferimento ou dor. Ou pode ser alguém que você

sabe que fala muito mal de você. Ou que se opõe a você por determinados motivos.

Ou pode ser simplesmente alguém com quem você não se identifica — você nem mesmo consegue explicar por que; apenas não gosta desta pessoa.

As crianças da África, ou os moradores de rua, ou os meninos da Índia, ou os índios da Amazônia fazem você chorar, mas este irmão ou irmã irrita você, ou provoca em você um afastamento, ou quem sabe, um sentimento pior.

Você experimenta isso e não gosta do que sente. Mas acha que não existe solução. Que é assim mesmo. Que isso não prejudica sua devoção, nem sua caminhada cristã.

Veja: Jesus nos capacita a amar. Como ele amou. Ele nos capacita e ele nos ordena. Ele deu ordem para que nos amemos na ocasião da Ceia da Páscoa. E é sob a ordem dele que nos ajuntamos hoje, nos amando mutuamente, em torno da mesa da Santa Ceia.

[Aplicação do ponto 3] Jesus, Senhor da Glória, estabelece um novo padrão ou expectativa.

Se pensamos que Jesus está blefando sobre o amor, entendamos que **Jesus estabelece o amor como padrão e expectativa. O amor é firmado por ele como selo que identifica os que pertencem à sua igreja.**

Eu ilustro isso com uma primeira experiência ruim.

Um ministro do evangelho pastoreou uma igreja durante treze anos e, nesse processo, buscou assegurar que aquele rebanho fosse alimentado com doutrina sadia, mas depois que aquele pastor saiu da igreja, em cerca de cinco anos, ela foi partida em quatro pedaços.

Os irmãos estavam bem alimentados com doutrina sadia, mas raquíticos de amor. Sabiam citar João Calvino, mas não suportavam uns aos outros. Conheciam os padrões normativos para o culto reformado, mas cantavam louvores com corações deformados.

Como resultado, a força do ministério, do testemunho e até da subsistência material daquela igreja foi enfraquecida. E a igreja deixou de ser referência nacional da denominação em discipulado e educação cristã.

E agora, outra ilustração — infelizmente, também ruim.

Ao evangelizar uma pessoa, um pastor mencionou que o evangelho é a mensagem do amor de Deus.

A pessoa evangelizada respondeu: “Como vocês podem falar sobre amor de Deus se vocês, evangélicos, vivem brigando uns com os outros?”

Infelizmente, os que se identificam como cristãos bíblicos, evangélicos ou protestantes, nem sempre são conhecidos por sua prática do amor.

O Hino 178, *A Excelência do Amor*, enquadra isso muito bem:

2 Com suspeitas não se alcança vero amor, vero amor!
Onde houver desconfiança, ai do amor, ai do amor!

Pois mostremos lealdade, combatendo a falsidade,
Combatendo a falsidade que destrói esse amor.

3 Não te irrites, mas tolera com amor, com amor!
Tudo sofre, tudo espera pelo amor, pelo amor.
O caminho excelente, ao segui-lo, vence o crente,
Ao segui-lo, vence o crente numa vida de amor!”

Amém. Vamos orar.